

>> *Relatos de Experiência*

Aprender e construir conhecimento: 32 anos no CAp da UFRGS

Tadeu Rossato Bisognin¹

Resumo:

Relato de professor de Língua Portuguesa e Literatura contando sua trajetória, suas descobertas e construções pedagógicas no Colégio de Aplicação da UFRGS de 1980 a 2013. São descritos o ambiente, o funcionamento da escola e as principais transformações ocorridas ao longo de 32 anos na escola-laboratório que muito se destacou na educação pelas inovações e resultados obtidos por seus alunos. São registradas as diferentes alterações acontecidas nesse período, iniciando pela adoção de eleições diretas para os gestores escolares, o sorteio dos alunos para ingresso na escola em vez da prova de habilidades, a chegada da Internet e suas consequências e a mudança para um prédio novo na periferia de Porto Alegre, com novas exigências e desafios. Também são relatadas várias atividades pedagógicas realizadas, a maioria delas transdisciplinares. Neste texto ainda é informada a história do periódico *Cadernos do Aplicação*, um dos poucos a abordar exclusivamente temas relacionados à Educação Básica.

Palavras-chave:

Relato de experiência. Colégio de Aplicação. Memória. Revista Cadernos do Aplicação.

Learning and building knowledge: 32 years at the UFRGS Cap

Abstract: Report by a Portuguese Language and Literature teacher recounting his trajectory, his discoveries, and pedagogical constructions at the Colégio de Aplicação da UFRGS from 1980 to 2013. The environment, the functioning of the school-laboratory that stood out in education for the innovations and results obtained by its students, and the main transformations that occurred over 32 years at the school are described. The different changes that took place during this period are recorded, starting with the adoption of direct elections for school managers, the choice of students to enter the school by lottery instead of by skills test, the arrival of the Internet and its consequences, the move to a new building in the outskirts of Porto Alegre, with new demands and challenges. Several pedagogical activities carried out are also reported, most of them transdisciplinary. This text also informs the history of the journal *Cadernos do Aplicação*, one of the few to exclusively address topics related to Basic Education.

Keywords: Experience report. Application College. History. Application Notebooks.

¹ Mestre em Letras. Professor aposentado do Colégio de Aplicação da UFRGS (1980 – 2013). E-mail: tadeurb@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0009-0004-0663-8133>

Aprender y construir conocimiento: 32 años en el CAP de UFRGS.

Resumen: Relato del profesor de Lengua Portuguesa y Literatura que se lo cuenta su trayectoria, sus descubrimientos y construcciones pedagógicas en el Colégio de Aplicação de UFRGS desde 1980 hasta 2013. Son descritos el ambiente, el funcionamiento de la escuela y sus principales transformaciones ocurridas a lo largo de 32 años en la escuela-laboratorio que mucho se lo ha destacado en la educación por las innovaciones y los resultados obtenidos por sus alumnos. Son registradas las diferentes alteraciones ocurridas en este periodo, iniciando por la adopción de de elecciones directas para los gestores escolares, el sorteo de alumnos para el ingreso en la escuela en vez de un examen de habilidades, la llegada de Internet y sus consecuencias, el cambio para un espacio nuevo en la periferia de Porto Alegre, con nuevas exigencias y retos. Todavía, en este texto, es informada la historia del periódico *Cadernos do Aplicação*, uno de los pocos del género a tratar los temas de la educación básica.

Palabras Clave: Relato de experiencia. Colégio de Aplicação. Historia. Cadernos do Aplicação

Ao iniciar este relato me dou conta que vou contar muitas coisas pessoais, uma vez que o colégio e o professor se confundiram, muitas vezes, principalmente quando minha carga horária passou para 40 horas semanais em 1986 (e depois para Dedicação Exclusiva – DE, mais tarde).

Minha primeira aula no Aplicação foi em 23 de setembro de 1980, aos 22 anos, em estágio de Língua Portuguesa na Turma 91, substituindo professora em licença-maternidade. É importante lembrar que a turma 91 não corresponde ao 9º ano de hoje, era turma de primeiro ano do Ensino Médio. A Escola tinha o I e o II Graus numa sequência: 7º ano (7ª série), 8º ano, 9º ano, 10º ano e 11º ano.

Ao terminar o estágio, uma surpresa: A professora da Turma 92 se desentendeu com os alunos e não quis mais dar aula para eles. Havia duas turmas sem professor, e como eu havia me saído bem no estágio, fui contratado como professor horista. “Até o fim do ano”, enfatizou bem a professora Iolanda Dippe, que fazia o papel de vice-diretora.

Quem era a diretora quando ingressei? Tive o privilégio de conhecer e trabalhar com a fundadora do Colégio, Professora Graciema Pacheco. De setembro a dezembro só falei uma vez com ela, quando lhe entreguei o convite de formatura, e ela me recebeu na porta de sua sala sem fazer muitas perguntas. Já devia ter 70 anos, uma senhora magra, de cabelo azulado, sempre séria, austera, aparentando estar concentrada no que estaria fazendo, estudando ou escrevendo. Nunca a vi sorrir. Não lembro de tê-la visto numa reunião de professores.

As aulas, naquele ano de 1980, iniciavam às 7h30min com algo que me chamava muito a atenção: havia música tocando enquanto os alunos subiam as escadas para suas salas de aula. Em vez de sineta ou sirene, música. Valsas de Strauss, sinfonias de Beethoven e, de vez em quando, Roberto Carlos. A responsável por isso era a professora Inah Pacheco, da Supervisão (para atendimento a alunos, disciplina e apoio aos professores), que colocava no corredor um toca-discos com boa caixa de som para atingir três andares. Imagine dirigir-se para sua sala de aula ao som de *Danúbio Azul* ou *Como é grande o meu amor por você!* Por aí, acredito, começava um diferencial das outras escolas.

O prédio do Colégio era compartilhado com a Faculdade de Educação. Inicialmente foi construído para ser todo do Aplicação, mas foi necessário dividi-lo com a faculdade. Para o colégio ficou reservado, então, até o 5º andar. Havia uma curiosidade, porém. O térreo era

o primeiro andar, então, na verdade, em quatro andares se distribuíam sala dos professores, secretaria, biblioteca, sala de artes, sala de ciências, CACA (Comunidade de Alunos do Colégio de Aplicação) e as pequenas diversas salas (gabinetes) das diversas Áreas de Ensino. Havia Áreas e Divisões. Exemplifico: A Área de Língua Portuguesa e Literatura pertencia à Divisão de Comunicação e Expressão, que abrangia Língua Portuguesa e as Áreas de Línguas Estrangeiras, Artes e Educação Física. Não muito diferente dos departamentos da universidade hoje em dia.

Acredito que tenham sido outro forte diferencial do CAP as reuniões pedagógicas (raramente administrativas) semanais. Os alunos, nas quartas-feiras de tarde, saíam um pouco antes das 17h30min para poder acontecer duas reuniões de professores até as 19h. Primeiramente havia reunião de Área e depois, às 18h15min, reunião geral ou de Divisão. Isso toda quarta-feira após os coordenadores de Divisão terem reunião do Conselho Diretor do Colégio. Isso já era um hábito implantado por D. Graciema, que se reunia com os coordenadores e um representante da Faced às 16h das quartas-feiras. Após esse horário cada coordenador, com assuntos atualizados, se reunia com seu grupo de professores. As reuniões gerais eram famosas pelos duelos verbais. Ainda me vêm à lembrança certos embates travados por professores de História, Artes, Teatro e Biologia, principalmente. Eram debates quase intermináveis. No senado romano não deveria ser melhor.

Outra atividade diferenciada do CAP que tornava os professores mais preparados era o Seminário de Verão. Os primeiros dez dias úteis de janeiro eram utilizados para palestras, debates e planejamento do novo ano letivo. Lembro de seminários fantásticos, com grandes palestrantes e orientadores. A gente se entusiasmava para o trabalho que iniciaria em março. Registro com gratidão dois nomes dos que passaram em vários seminários: Dr. José Outeiral, psiquiatra referência no atendimento a crianças e adolescentes, e o Dr. Juan Mosquera, professor da Faced, pesquisador em educação para a saúde, psicologia, educação inclusiva etc. Outeiral e Mosquera nos legaram vários livros que continuam sendo úteis.

O seminário de Verão de 1981 ocorreu com o dinamismo de sempre, e saímos de férias. Na volta, uma grande novidade na Direção: D. Graciema não era mais a diretora, e em seu lugar a Professora Olga Paraguaçu como diretora *pro-tempore*. Lembro de ter comentado com a Professora Olga Reverbél que pensei ser ela a nova diretora, ao que me respondeu: “Eu ia morrer de tédio”. Isso mostra como aquela entusiasta do ensino do Teatro era um foguete dinâmico. Como ela havia vários professores muito entusiasmados com novas criações pedagógicas, não paravam nunca. Pena que muita coisa se perdeu, não houve registro das tantas criações.

Era preciso ter uma nova Direção. Depois de alguns meses, chegou-nos a notícia de que foram eleitos pelo Conselho da Faced como Diretora e Vice-Diretor, Vera Regina Pires de Moraes e Cícero Marcos Teixeira. Foi uma gestão marcante, com a palavra *solidariedade* como ponto convergente do relacionamento. A grande modificação implantada por essa administração foi a forma de os alunos ingressarem no CAP. De prova de habilidades mentais passou a ser por sorteio público, aberto a todos, com representantes dos pais dos candidatos fiscalizando cada número sorteado. Sem possibilidade de fraude, tudo claro e transparente.

A terceira Diretora do CAP, Regina Maria Varini Mutti, e sua vice, Nara Brasco Pampanelli, foram eleitas pelos professores, funcionários e alunos. Uma forma de escolha que se perpetuou na escola.

Tive o privilégio de trabalhar com a fundadora, Graciema Pacheco (1980), Olga Paraguaçu (1981, *pro-tempore*), Vera Regina Pires Moraes e Cícero Marcos Teixeira (1981 –

1984), Regina Maria Varini Mutti e Nara Pampanelli (1985 – 1988), Jorge Luiz Day Barreto e Fabíola Lemanski (1989 – 1992), Joyce Munarski Pernigotti (ago. – dez. 1992), Nara Brasco Pampanelli e Lourdes Maria Pivato (1993 – 1996), Jorge Luiz Day Barreto e Maria Carmem de Moraes Gomes (1997 – 2000), Jorge Luiz Day Barreto e Adalberto Breier (2001 – 2004), Adalberto Breier e Moisés Pinto Marques (2005 – 2008), Edson Luiz Lindner e Lúcia Couto Terra (2009 – 2012) e poucos meses em 2013 com Dirce Maria Guimarães e Luiz Davi Mazzei.

Mesmo estando num espaço “apertado” em quatro andares e com pátio restrito por estacionamento, a localização da escola era privilegiada. Havia a efervescência dos estudantes universitários e outros componentes culturais que favoreciam o crescimento intelectual.

Com o tempo, os quatro andares do prédio começaram a ficar pequenos para todas as atividades propostas. Começou-se a pensar em outras possibilidades de local para a escola. Surgiram três alternativas: o antigo prédio da Medicina (no Campus Central), uma nova construção no Campus da ESEF ou no Campus do Vale. Numa reunião de professores para escolherem o novo espaço, muita discussão e pontos de vista, cada grupo defendendo e justificando seu lugar preferido. Um número significativo de votantes queria permanecer no Campus Central. Havia muitos questionamentos sobre a distância e a perda de privilégios culturais, mais fortes no Central. Outra corrente defendia a Escola mais próxima da periferia. Papel do CAP: ensino público de qualidade para a população mais carente. Havia pressa para decidir. A previsão de orçamento estava aprovada pelo Ministério da Educação. No final venceu a transferência para o Campus do Vale. Estaria na periferia de Porto Alegre, enfim, uma mudança de espaço físico que implicaria outros sentidos identitários bem importantes.

Transcrevo parte da notícia publicada no *Correio do Povo* de 30/03/1993, informando a mudança da Escola (notícia reproduzida na *Cadernos do Aplicação* v. 6 n. 1, 1993, p. 20).

Um prédio de 5.500 metros quadrados começará a ser construído em breve no Campus do Vale, na Agronomia, para onde a Ufrgs pretende transferir as instalações atuais do Colégio de Aplicação, de 3.500 metros quadrados na área da Faculdade de Educação. O impulso inicial do projeto foi dado pelo ministro da Educação, Maurílio Hingel. Há 15 dias, ele esteve em Porto Alegre e anunciou a liberação de Cr\$ 10 bilhões para o começo das obras, cujo valor total está estimado em Cr\$ 35 bilhões. A pretensão da Ufrgs é criar duas turmas paralelas para cada série, ampliando a clientela de 550 para quase mil alunos. A diretora do Colégio, Nara Pampanelli, confirmou a transferência e explicou que as atuais instalações não atendem à demanda. A mudança para o Campus do Vale obedece a um programa de aproximação com a comunidade [...] (CADERNOS DO APLICAÇÃO, p. 20, 1993)

O Ministro Murílio Hingel esteve em Porto Alegre e no CAP para assinar com a Diretora Nara o compromisso de construção do novo prédio. A revista do CAP (1993, vol. 6, n. 1, p. 42) publicou foto da assinatura do contrato do dia 19/03/1993. Presentes o ministro Murílio Hingel, o reitor Héglio Trindade, a diretora da Faculdade de Educação (FACED) e a diretora do CAP, Nara Pampanelli. O encontro foi realizado na Sala de Atividades Múltiplas (Barretão). Interessante lembrar que o ministro tinha sido diretor do Colégio de Aplicação de Juiz de Fora, daí sua atenção especial para nosso colégio.

Lembro de o professor Raul Machado ter dito em reunião aos professores do CAP que “o Aplicação se abasileirou” com a mudança para a periferia. E completava contando ter sido aluno de D. Graciema e que ela dizia que “o Aplicação era para a elite, pela elite e com a elite”. No novo local cada vez mais pessoas de todas as classes sociais estariam formando seu corpo discente. E o grande desafio de continuar mantendo a excelente qualidade de ensino seria cada vez maior.

Quando entrei no CAP, o Ensino Médio, então II Grau, era composto por 4 anos obrigatórios. Os alunos saíam muito bem preparados. Falavam que 95% ou mais deles passavam na UFRGS no primeiro vestibular. Poucos anos depois, ao concluírem o 3º ano puderam solicitar o certificado de conclusão ou seguir para o 4º ano. Dois ou três anos depois o II Grau restringiu-se a três anos.

O sucesso de uma escola se faz também ou principalmente pelo bom nível de seus professores. O CAP investia muito na formação continuada de seus docentes, seja nos excelentes Seminários de Verão, seja nas reuniões semanais. Desde o início seus professores se destacavam. Eram da própria universidade ou então estagiários que tiveram marcante desempenho. Lembro de alguns nomes de destaque na sociedade de Porto Alegre que deram aula no Aplicação: Donald Schuller, Carlos Appel, Luiz Coronel, Lia Marquardt, Arno Kern...

Dentre os professores, quero destacar com gratidão Eliana Holmer Marcolin, professora da FACED que foi minha orientadora de estágio e me indicou para continuar como professor no Colégio. Também foi minha orientadora por dois anos na preparação das aulas. Uma pessoa boníssima, tranquila, era a Coordenadora da Divisão de Comunicação e Expressão. Jamais a vi levantar a voz.

Uma pessoa que ainda não destaquei neste relato é a Professora Isolda Paes, cofundadora do Colégio. Personagem marcante. Já aposentada, visitava o colégio seguidas vezes. Alegre, extrovertida, bem falante, uma senhora alta de cabelos grisalhos. Referia-se carinhosamente aos alunos como “meus filhos” ou “merdinhas” (sic), segundo li nos relatos que constam na *Cadernos do Aplicação Especial 50 anos* (v. 17, n.1/2, 2004). Não cheguei a trabalhar diretamente com ela, mas sua maneira de ser e seu legado (tinha sido professora de Português e da Prática de Ensino) respingavam nas minhas ações.

Falando em professores anteriores a mim reconhecidos por seu trabalho (de alguns nem sei o sobrenome), nomeio alguns a seguir. Uns já estavam aposentados (às vezes víamos no colégio), com outros convivi: Olga Wainstein, Isa Mentz, Luíza Maria, Maria Luíza, Olga Paraguaçu, Olga Reverbel, Iolanda Dippe, Jayme Werner dos Reis (Peixinho), Imira, Inah Pacheco, Sérgio Cordeiro, Cícero Marcos Teixeira.

Relacionado a um professor com trabalho destacado no CAP temos um registro triste a lembrar: a morte repentina do Professor Telmo Remião Moure. No dia 3 de agosto de 2000, após dar aula à tarde, sentiu-se mal e no hospital sofreu um infarto fulminante aos 50 anos. Há 23 anos no Colégio dando aulas de História, envolveu-se também em outras importantes atividades tanto na Universidade como no Aplicação. Nesse, concorreu à Direção da Escola em 1988, coordenou a Divisão de Ciências Humanas por 4 anos e, dedicando-se além da carga horária, implantou a Rede de Informática e a gerenciou. Nessa função, muito facilitou a elaboração da revista *Cadernos do Aplicação*, que passou a ter editoração eletrônica sob sua responsabilidade. A última colaboração do Prof. Telmo foi a criação de uma nova capa para a revista. Em sua homenagem, a Sala de Informática do Colégio passou a ser denominada Sala Professor Telmo Remião Moure.

Como lembrança puxa lembrança, recordo quatro momentos muito dolorosos por morte de alunos durante o ano letivo. A primeira aconteceu em 1983, no dia em que o Grêmio voltava do Japão como campeão do mundo. Um grupo de alunos da 7ª série resolveu substituir as aulas pelo aplauso aos campeões na Av. João Pessoa, a uma quadra da escola. No corredor de ônibus uma de nossas alunas foi atropelada. Levada ao Pronto Socorro, não resistiu. Era dia para termos uma aula muito especial, encontro com o escritor Marcelo Carneiro da Cunha. Infelizmente não foi possível naquele dia. Outro caso com aluno de 7ª série ocorreu no ano seguinte. Num sábado, indo fazer trabalhos escolares na casa de um colega, foi atropelado na Av. Cristiano Fischer. E mais um da 7ª série nos deixou, por crise de asma em casa. Foi socorrido, mas sem resultados positivos. Era filho da professora da FAGED, Lucila Santarosa. Já no prédio novo, tivemos que nos despedir da aluna do 2º ano do II Grau, a Renatinha. Simpática, alegre e querida por todos, também teve uma crise de asma sem retorno à respiração. Renata era filha do nosso colega do CAP, Luiz Fernando Sá. Acompanhar a dor dos pais era sofrido demais, eu já tinha filhos pequenos...

Troquemos de assunto. Essa Escola despertava a curiosidade e dava liberdade de criar o que se quisesse (claro que dentro da lei e da ética). Assim, vou passar algumas atividades e ações que criei ou adaptei de outros colegas.

Começamos pela leitura de livros e encontro com o autor. Iniciei com Charles Kiefer e Laury Maciel. Depois estiveram trocando ideias com os alunos a meu convite Marcelo Carneiro da Cunha, Donald Schuler, Maria Dinorah, Luís Dill, Raul Machado, Beatriz Abuchaim, Luiz Antônio Ryzewski, Renato Weber, Mery Weiss (testou história no original com os alunos de 6ª série), Diza Gonzaga e Gláucia de Souza.

Em Literatura, acredito que éramos a única escola que estudava no 1º ano do Ensino Médio as obras fundantes da literatura ocidental. Herdei da Profª Marília Levacov o trabalho com as epopeias e tragédias gregas. Mas fui além. Reservei dois períodos para estudo da Bíblia como Literatura. Depois que descobri haver a história traduzida da obra de literatura mais antiga da humanidade, *A Epopéia de Gilgamesh*, de 3000 anos a.C., liamos parte de um capítulo (o do dilúvio) e eu contava a história seguindo a adaptação ilustrada.

Da literatura grega clássica os alunos liam *A Odisseia*, adaptada para jovens, e viam a versão cinematográfica, com Kirk Douglas como Ulisses. Já das tragédias deviam ler *Édipo Rei*. Dessa obra e de *Antígona* deviam copiar frases que poderiam ser consideradas pensamentos ou provérbios, como a última frase do coro em *Édipo*, que até sei de cor: “Ninguém neste mundo poderá dizer que foi feliz se não tiver conhecido a dor”. Que lição! Era isso que queria que os alunos observassem.

Todo ano se fazia o julgamento de Édipo, às vezes absolvido, raramente condenado. Já apareciam os futuros advogados defendendo ou acusando. Conforme a turma havia encenações memoráveis, traziam como testemunhas as personagens que já estavam no mundo dos mortos como Jocasta, Laio e Tirésias. Dependendo dos advogados, havia bate-bocas muito interessantes e inteligentes.

Depois dos gregos, chegávamos aos romanos, duas aulas, com Virgílio e sua *Eneida*, algo rápido sobre poesia e também sobre o único romance latino que temos, o *Asno de Ouro*, de Apuleio. Ainda passávamos pelas novelas de cavalaria até chegar às cantigas portuguesas, que estão em todos os livros didáticos.

Aprendi com a Profª Eliana Marcolin que “boa aula é a que traz a vida para a sala de aula”. E com o Prof. Antônio Carlos Castrogiovanni vi o quanto se aprende num trabalho de campo, em que se leva a aula para a vida. Assim sendo, organizei uma caminhada pelo centro histórico de Porto Alegre para ler a estatuária dos prédios mais antigos. A base para

essa aula especial era o livro *Porto Alegre 1900 -1920: estatuária e ideologia*, de Arnaldo Walter Doberstein (Editora SMC). Normalmente num sábado letivo, os alunos iam diretamente ao centro, recebiam um questionário para irem marcando e preenchendo o solicitado. A parada final era na catedral, também um prédio com muita história e simbolismo.

Uma aula um tanto estranha para muitos era aquela em que íamos conhecer e analisar a arte nos cemitérios da Santa Casa, São Miguel e Almas e Luterano. Quanta arte, quanto aprendizado, quanta leitura de símbolos e alegorias! Os alunos também recebiam uma folha para anotar as várias questões e observações solicitadas. Essa atividade era baseada nas orientações encontradas no livro *Cemitérios do Rio Grande do Sul: arte, sociedade, ideologia*, de Harry Bellomo (Edipucrs).

Um mergulho no que o RS mostra de melhor é o que faziam os alunos numa visita de quase um dia inteiro à Expointer (Exposição Internacional de Animais). Novamente havia tarefas a serem realizadas, desta vez em duplas, de observações e anotações, desde a listagem de 20 raças bovinas até entrevista com cuidadores de animais para perceber peculiaridades de pronúncia, vocabulário etc. Sempre havia casos pitorescos a serem relatados na volta, como a vez em que um cavalo se soltou e quase atropelou professores e alguns alunos.

O trabalho de campo mais significativo que considero era a visita às Missões. Depois de ler e analisar a obra *Sepé Tiaraju*, de Alcy Cheuiche, nos preparávamos para uma viagem a Caaró, São Miguel e Santo Ângelo. Em Caaró conhecíamos o local de martírio dos Três Mártires Rio-Grandenses. Conforme o dia e nossa sorte, podíamos encontrar o padre que nos dava uma pequena palestra. Em S. Miguel e Santo Ângelo, fazíamos as visitas dos roteiros tradicionais. Em três ocasiões pudemos aumentar nossa estada em mais um dia, com dois pernites. O segundo deles no Parque das Fontes em Entre-Ijuís, em cabanas, utilizando piscinas e bosque durante o dia. Essas viagens às Missões ocorriam no primeiro fim de semana de dezembro, já quase encerrando o ano letivo.

Às vezes descobrimos maneiras de chamar a atenção dos alunos para o início das aulas que de tão certo que deram se repetem nos anos seguintes em outras turmas. Uma delas foi sempre eu colocar a data no quadro e em seguida uma pergunta, que poderia ser sobre a matéria ou de cultura geral, do tipo “O que é palavra palíndroma?” ou “Por que junho tem esse nome?”. Às vezes a resposta rendia alguns minutos de revelações sobre temas interessantes.

Outra marca das minhas aulas foi o trabalho com o poema *Autopsicografia* (O poeta é um fingidor), de Fernando Pessoa. Dizia brincando que quem não o soubesse de cor não passaria de ano. Declamávamos em muitas aulas como num jogral, um verso eu e outro os alunos em diferentes versões: entusiasmado, no sotaque de Portugal, em ritmo de canto gregoriano, na forma de falar do governador Colares, etc. Acredito que talvez isso seja o que mais marcou de minhas aulas. De vez em quando ouço alguém atrás de mim falando o início do poema. Aí já sei que foi meu aluno.

Com o objetivo de fazer os alunos desenvolverem o senso de observação e ampliar o vocabulário, solicitava duas pesquisas (sempre manuscritas). A primeira foi inspirada num trabalho realizado pelo destacado professor Sérgio Cordeiro (o único que ficava rodeado de alunos em muitos recreios falando sobre conteúdos de sua matéria, a Biologia). Meus alunos deveriam pesquisar no mínimo 50 termos técnicos médicos (ou não) compostos por radicais gregos, identificando o significado de cada um e informando o sentido final da palavra. Três exemplos: 1. Tomografia = tomos (fatia, parte) + grafe (desenho, descrição). Exame que produz imagens transversais para visualizar partes internas do paciente. 2. neurastenia =

neuron (nervo) + astenia (fraqueza). Transtorno psicológico pelo enfraquecimento do sistema nervoso central, gerando fraqueza física e mental. 3. Estetoscópio = stethos (peito) + skopein (olhar, examinar). Instrumento utilizado para amplificar sons humanos ou animais. No início alguns alunos recorriam até a biblioteca da faculdade de Medicina. Esse trabalho mexia com a curiosidade, os mais voltados à área em que pretendiam futuramente trabalhar chegavam a 300 palavras técnicas. Nessa mesma linha de despertar curiosidade e o “dar-se conta” do complexo e rico mundo das palavras era a recolha de palavras indígenas do cotidiano e a indicação de sua significação original. Exemplos: Jacuí (jacu + i) = rio dos jacus; capivara (kapi + wara) = comedor de capim; Sapiranga (eçá + piranga) = olho vermelho. Uma outra pesquisa era copiar erros de gramática em placas, avisos ou em trabalhos escolares, corrigi-los e informar a regra desobedecida e o local onde foi encontrada tal infração à norma padrão. Normalmente encontravam problemas de ortografia, acentuação e pontuação. Acredito que esse trabalho chamava a atenção para a língua em uso, a importância da norma culta e o cuidado em dar mais atenção ao que estudavam. Eram atividades exigindo muito tempo e atenção, para mim valiam mais do que uma prova escrita em que poderiam colar.

Desde meu início no CAP aprendi a não ter medo de desafios, a ser curioso, a ver outras possibilidades, enfim, tentar “pensar fora da caixa”. Foi com essa base que aceitei o convite para escrever em um ano a coleção didática *Descoberta & Construção*, de 5ª a 8ª série, pela Editora FTD, que foi lançada em 1991. Além do trabalho de distribuição da editora, o livro integrou o Programa Nacional do Livro e Materiais Didáticos (PNLD). Tive a satisfação de saber que dois milhões e duzentos mil estudantes utilizaram a obra para aprender português. Ela tinha muito do jeito de ser e de ensinar língua, leitura e produção de texto no Aplicação.

Outro desafio que exigiu muitas horas de pesquisa foi o mestrado em Letras, na UFRGS, estudando a linguagem dos jovens na Internet. Tal pesquisa resultou no livro *Sem Medo do Internetês*, em 2008 (Editora AGE).

Ser reconhecido é motivo de felicidade. A maior homenagem que recebi do Colégio foi depois de aposentado ter uma sala com meu nome, aquela onde se prepara a revista *Cadernos do Aplicação*, da qual fui editor por 18 anos, de 1994 a 2012.

Verba volant, scripta manent. Provavelmente com as ideias desse provérbio latino presentes, Regina Maria Varini Mutti e Nara Brasco Pampanelli, então na Direção do CAP/UFRGS em 1986, perceberam o quanto de descobertas e construções eram realizadas por professores, estagiários e alunos, e por não serem registradas em artigos ou relatos não abrangiam muitas pessoas. Ficavam disponíveis a pessoas restritas à escola muitas pesquisas de valor, como também estratégias, novas formas ou outras maneiras de ensinar e aprender ficavam restritas a um pequeno grupo de professores. Não havia dúvida que com a divulgação em uma revista o alcance poderia ser extraordinariamente maior. Isso está claramente expresso nos dois primeiros parágrafos do primeiro editorial de *Cadernos do Aplicação*:

A revista “Cadernos do Aplicação” surgiu como uma necessidade de criar um espaço aberto, flexível e sistemático para o registro de algumas experiências realizadas e comentários críticos frente à problemática do ensino-aprendizagem de 1º e 2º graus, vivenciados no Colégio de Aplicação.

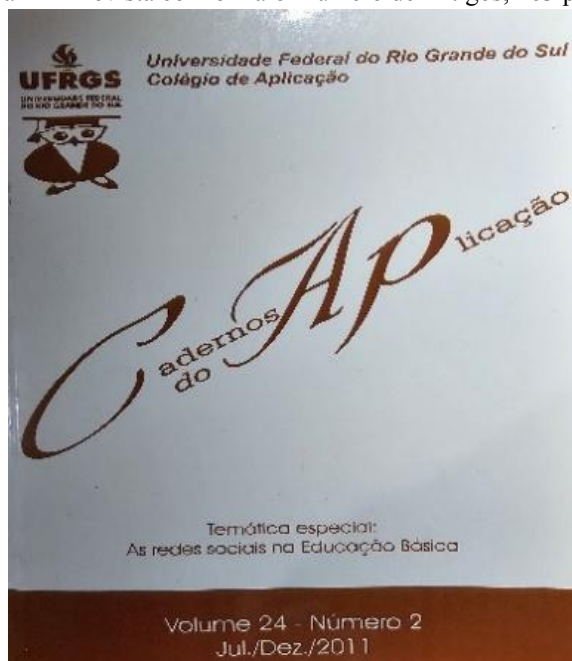
A partir dessa documentação, abre-se outro espaço para o debate e a crítica, permitindo a troca de experiências e a transformação da prática escolar. Esta não se efetuará não só no nível da própria instituição, como também contribuirá para o relacionamento construtivo entre o Colégio,

outras escolas da comunidade e estágios (práticas de ensino). (MUTTI; PAMPANELLI, 1986. p. 5)

Era o primeiro número do primeiro volume, correspondendo a jan./jun. de 1986. Já iniciou com a divisão dos textos publicados em *Relatos de Experiência*, *Artigos* e *Dos Cadernos dos Alunos*. Com o passar do tempo foi acrescentada a seção *Um pouco de História*, em que se publicaram depoimentos de professores e servidores que viveram os tempos iniciais do Colégio.

Para nós que hoje temos até a inteligência artificial para editoração, é curioso observar no expediente a função de datilografia, exercida até 1990 pela secretária da Direção. Era uma produção artesanal, inicialmente com o apoio da Pró-Reitoria de Graduação, cujo Pró-Reitor, Walter Otto Cybis, prestigiando a revista e o Colégio, esteve presente no lançamento do primeiro número. Os primeiros exemplares eram doados aos autores dos textos publicados, os demais interessados teriam que adquiri-los. Depois de poucos anos, todos recebiam como cortesia. E eram enviados pelo correio para todos os Colégios de Aplicação do Brasil, escolas parceiras, algumas secretarias municipais de educação que visitaram a escola, e outros interessados. Por alguns anos houve intercâmbio com a revista espanhola *Enseñanza de las Ciencias* (até a revista se tornar eletrônica).

Figura 1 - A revista com o maior número de Artigos, 463 páginas



Fonte: Acervo pessoal do autor

Variavam as cores das capas de cada número. Isso ocorreu por 26 anos até 2013, quando novo formato (maior) e um desenho novo a cada número passou a caracterizá-la. As cores das duas primeiras capas, por exemplo, foram verde-claro (n. 1) e amarelo-palha (n. 2). Curioso que desde o número 1 não faltaram assuntos. O número 1 tinha 64 páginas e o número 2, 100 páginas. A partir do volume 3, todos os números nunca tiveram menos de 80 páginas, chegando o número 2 do volume 24 (jul./dez. 2011) a 462 páginas.

A partir do volume 5 (1990) a revista passou a ter seu código ISSN para periódicos (International Standard Serial Number): ISSN 0103-6041. Foi por empenho da bibliotecária

Vera. Vale aqui registrar a atenção e a colaboração das bibliotecárias que participaram da Comissão Editorial, desde o início até sua aposentadoria, Vera Regina Lionello Danos, e depois, Aglaé Oliva Castilho.

Uma conquista importante para a qualidade de *Cadernos* foi ter passado a participar do Programa de Apoio à Editoração de Periódicos da Pró-Reitoria de Pesquisa da UFRGS. Isso ocorreu no volume 6 (1993). Os textos que antes eram datilografados e encaminhados à gráfica passaram a ter digitação e editoração eletrônica na Central de Produção da Faced (Faculdade de Educação), no 9º andar do prédio do Colégio de Aplicação.

Outra mudança foi a troca de editor, função tão bem exercida por Regina Maria Varini Mutti durante 8 anos. Assumi essa função com a facilidade de ter recebido um bolsista da PROEXT para a digitação dos originais. Diferentemente de agora em que quase tudo pode ser feito eletronicamente, em 1994 precisava-se digitar, salvar em disquete, levar pessoalmente para diagramação e editoração. Mais um registro desse ano foi o apoio do FNDE a projetos dos Colégio, aprovando verba para editoração de periódicos.

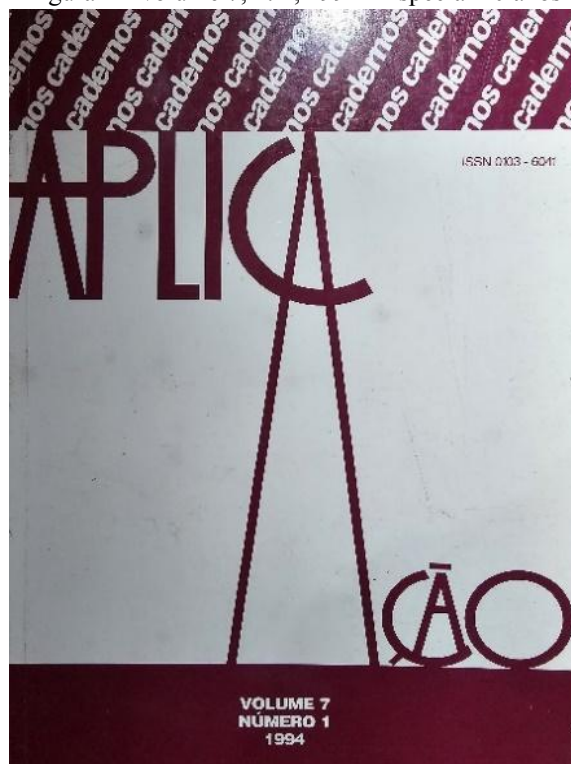
A revista v. 7, n. 1 de 1994, foi comemorativa aos 40 anos do Colégio de Aplicação. Teve mensagem do reitor Hêlgio Trindade e depoimentos das fundadoras Graciema Pacheco e Isolda Paes. E textos dos ex-diretores Vera Regina Pires Moraes, Regina Maria Varini Mutti, Jorge Luiz Day Barreto e da diretora Nara Brasco Pampanelli. Além disso, depoimentos sobre a história da escola, de autoria de Olga Wainstein, Mônica Baptista Pereira Estrázulas e Liane Saenger Schutz. Relatos de experiências, artigos e a seção *Dos Cadernos dos Alunos* também compuseram o número especial.

No volume 12, de 1999, houve uma alteração na capa, que embora continuasse com uma tarja e cor que variava conforme o número, tinha nova distribuição nas palavras *Cadernos do Aplicação*. A capa das revistas de 1986 até 1998 foi criação de Sandra Teresinha Rey Guedes da Silveira. A nova capa de 1999 foi criada por Telmo Remião Moure e seguiu sendo utilizada até 2013.

Pontos importantes para sua qualificação foram a revista ter sido indexada na Biblioteca Brasileira de Educação - Brasília: INEP/MEC em 1993 e no Latin American Periodicals Tables (LAPTOC) em 2004. Com o passar do tempo, artigos de destaques levaram a revista ser classificada com Qualis B em várias áreas de conhecimento.

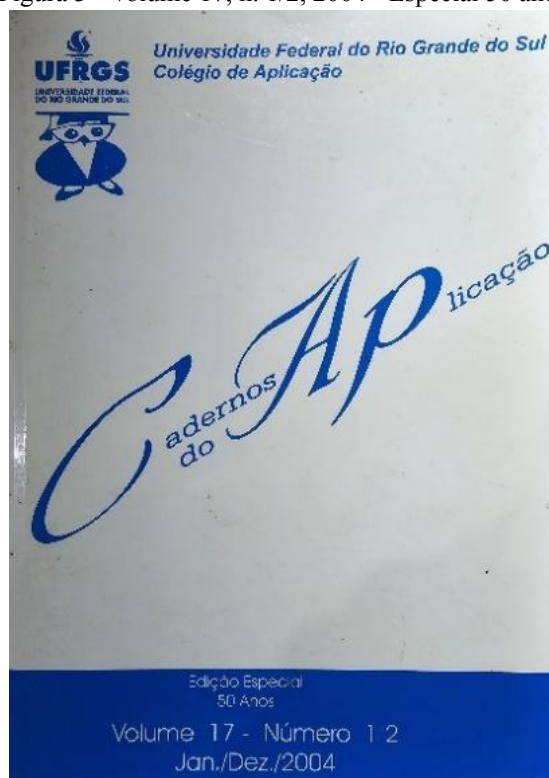
O volume 17 n. 1/2 de 2004 foi “Edição Especial 50 anos”. Já com a Internet aproximando as pessoas foi possível localizar alunos das primeiras turmas para registrarem suas memórias. Além dos textos das Professoras Graciema Pacheco, Isolda Paes, Olga Paraguaçu, havia depoimentos dos ex-diretores Vera Regina Pires Moraes, Regina Maria Varini Mutti, Jorge Luiz Day Barreto, Nara Brasco Pampanelli e Joyce Munarski Pernigotti. O volume reuniu mais de 42 ex-alunos relatando suas ligações ou vivências com a escola ao longo de 50 anos.

Figura 2 - Volume 7, n. 1, 1994 - Especial 40 anos



Fonte: Acervo pessoal do autor

Figura 3 - Volume 17, n. 1/2, 2004 - Especial 50 anos



Fonte: Acervo pessoal do autor

Os dossiês se compõem de temas convergentes e expressam contribuição relevante para os objetivos da revista. Com base nisso iniciou-se a prática de publicar sete ou mais artigos sobre o que passou a ser chamado de Temática Especial. Cada número publicava texto de uma temática e, além disso, outros com relatos, pesquisas e produção dos alunos. Vejamos que temáticas mobilizaram autores da escola e convidados:

2008 (v. 21 n. 1): Reflexões sobre Ensino Médio

2008 (v. 21 n. 2): Educação de Jovens e Adultos: desafios para a inclusão no mundo da tecnologia, do trabalho, da ciência e do saber

2009 (v. 22 n. 1): Leitura em diferentes gêneros e áreas do conhecimento: transpondo os limites das disciplinas

2010 (v. 23 n. 1): Livros didáticos e ensino de História

2010 (v. 23 n. 2): Ensinando a cidade: reflexões sobre o ensino das questões urbanas.

2011 (v. 24 n. 2): As redes sociais na educação básica

2012 (v. 25 n. 1): Exercícios de Afrobrasilidade: a Lei 10.639 em sala de aula

2012 (v. 25 n. 2): Projeto Amora: 16 anos de história no Colégio de Aplicação.

Um grande avanço em 2008 foi passar a integrar o Sistema Eletrônico de Editoração de Revistas (SEER), nome adotado pelo Instituto Brasileiro de Informação e Tecnologia (IBICT) para o sistema responsável por automatizar quase por completo o processo de editoração das publicações periódicas. O SEER facilita a troca de informações entre editores, autores/as e revisão dos pares. Colocar a Revista no SEER exigiu um esforço coletivo capitaneado pelos/as professores/as Ítalo Modesto Dutra, Mônica Baptista Pereira Estrázulas, Tadeu Rossato Bisognin, Gláucia Regina Raposo de Souza, Simone Vacaro Fogazzi e Vanderlei Machado.

Em 2008 também foi constituído o novo Conselho Editorial, substituindo o anterior composto pelos professores doutores do colégio. O novo Conselho possuía 28 membros de várias universidades do Brasil, a saber UFMG, UEMA, UNICAMP, ULBRA, UFPA, USP, UDESC, UFMS, UFRJ, PUC-RJ, PUC-RS, UFG e UFRGS.

Como podemos ver, o provérbio latino transcrito acima tem sua sabedoria. Centenas de produções permanecem para a posteridade porque ficaram registradas por escrito nesses anos de existência *Cadernos do Aplicação*. Ainda é uma incógnita o quanto de novidades teremos num futuro próximo com as formas eletrônicas de produzir, criar e multiplicar o resultado de observações e práticas. Seja como for, uma revista acadêmica sempre cumprirá sua missão: ser registro de descobertas e construções.

Encerrando este relato, devo lembrar que “um galo sozinho não tece uma manhã: ele precisará sempre de outros galos”. O que consegui não foi sozinho. Tive o apoio de companheiros de trabalho fantásticos. Vivi os melhores anos da minha vida no CAP. Sou muito grato aos colegas da Língua Portuguesa, uma equipe tranquila, que convivia em harmonia, sem competições, com discussões sim, mas com parceria e buscando o melhor para o trabalho. Quero registrar como gratidão os nomes daqueles com quem trabalhei na área e que me ajudaram a me construir como professor (e como pessoa). Aos que chegaram antes de mim: Eliana Marcolin, Alba Vargas, Regina Mutti, Nara Brasco, Marília Levacov, Édila Marli, Margareth Sudbrack, e aos que vieram depois de mim: Juçara Freitas, Juçara Benvenuti, Gláucia de Souza, Marlon de Almeida, Rita Cavalcante, Adauto Taufer e Daniela Favero. Juntos aprendemos e construímos conhecimento. Crescemos intelectualmente. Tínhamos a certeza de que trabalhávamos por uma educação de qualidade.

Referências

- APULEIO, Lúcio. **O Asno de Ouro**. Rio de Janeiro, Ediouro, 1980.
- BELLOMO, Harry Rodrigues. **Cemitérios do Rio Grande do Sul: arte, sociedade e ideologia**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000.
- CHEUICHE, Alcy. **Sepé Tiaraju - Romance dos Sete Povos das Missões**. Porto Alegre: AGE, 1980.
- CADERNOS DO APLICAÇÃO. Porto Alegre, v. 6, n. 1, 1993.
- DOBERSTEIN, Arnaldo Walter. **Porto Alegre 1900 - 1920: estatuária e ideologia**. Porto Alegre: SMC, 1990.
- GILGAMESH - Rei de Uruk. São Paulo: Ars Poética Editora, 1989.
- MUTTI, Regina Maria. Varini; PAMPANELLI, Nara Brasco. **Cadernos do Aplicação**. 1986.
- SÓFOCLES. **Édipo Rei**. Porto Alegre: L&PM, 1987.
- SÓFOCLES. **Antígona**. Porto Alegre: L&PM, 1987.
- VIRGÍLIO, PÚBLIO. **A Eneida**. Rio de Janeiro: Ediouro, 1980.

Contribuições da autoria

Tadeu Rossato Bisognin - Organização, Interpretação e Análise de Dados, Metodologia, Redação.

Data de submissão: 22/05/2024

Data de aceite: 22/05/2024